

Resumo sobre Etnias do Tocantins

Povo Iny

O Povo Iny (pronuncia-se 'inã') é formado por Karajá, Karajá-Xambioá (ou apenas Xambioá) e Javaé. Juntos possuem 6.123 indígenas, o maior povo do Tocantins. Coletores e pescadores, os Iny se fixaram na Ilha do Bananal. Os Karajá da Ilha ou de cima, também são chamados de ibòò marãdu; os Javaé, fixos às margens do rio Javaé, são o povo do meio; e os Xambioá, iraru mahãdu, são os Karajá de baixo, localizados na Terra Xambioá, em Santa Fé do Tocantins. Confecção de objetos de cerâmica e madeira, a pintura corporal, a arte plumária e as bonecas Ritxokò são tradicionais da cultura Karajá; além das festas e rituais mais conhecidos e preservados, como o Hetohoky (pronuncia-se retorrocã, que significa Casa Grande) e Aruanã, a Festa do Mel, o Itxeo (Homenagem aos Mortos), Maarasi (Festa da Alegria).

Apinajè

O povo Apinajè possui cerca de 1.913 indígenas na região norte do Estado, na reserva criada em 1985, que abrange os municípios de Tocantinópolis, Maurilândia, Araguatins e Lagoa de São Bento. Eles se autodenominam Panhi e sobrevivem da agricultura de subsistência, da caça, da coleta de babaçu para extração do óleo das amêndoas, aproveita a palha na fabricação de utensílios domésticos, coberturas de casas e as cascas como combustível para cozinhar. Também produzem o artesanato de sementes e miçangas que comercializam nas cidades vizinhas. São tradições o Mèkaprî, ritual para fazer o espírito voltar ao corpo do doente; o Pàrkapê, ritual que homenageia os mortos; e o fim do luto, chamada festa da Tora Grande.

Xerente

O povo Xerente se autodenomina Akwê, gente importante, indivíduo, vive na margem direita do rio Tocantins, perto da cidade de Tocantínia, na Terra Indígena Xerente. Cerca de 3.152 indígenas, distribuídos em mais 80 aldeias e sobrevivem da roça de toco, onde plantam milho, arroz e mandioca. O artesanato com a palha de babaçu, seda de buriti, sementes, produz cestas, balaios, redes, bolsas, esteiras, adereços, adornos e enfeites, comercializados nas cidades próximas. Acredita-se que a arte de trançar o capim dourado tenha sido repassada pelos Xerente aos moradores das comunidades negras do Jalapão, há cerca de um século. Suas tradições mais preservadas são o Wakê (Festa de dar nomes), o Kuprê (Homenagem aos mortos), o Padi (Festa do Tamanduá Bandeira) e a corrida de toras de buriti.

Krahô

Conhecidos como os senhores do Cerrado e por sua alegria genuína, o povo Krahô habita na região de Itacajá e Goiatins. O último censo aponta 2.843 indígenas, mas suas lideranças acreditam que somam mais, devido ao índice de natalidade. Suas aldeias apresentam estrutura circular, com habitações em torno de uma área vazia. O pátio central ou Ká, representa o coração da aldeia, lugar de reunião para dividir o trabalho e tomada de decisões importantes. As aldeias possuem dois partidos, o do inverno (Katam'jê) e o do verão (Wakm'jê), que se revezam no poder de acordo com

os períodos de chuva e seca na região. Reconhecidos por preservar suas tradições e celebrações, tem como símbolo sagrado uma machadinha de pedra, a Khoyré. Uma de suas tradições é a corrida de toras de buriti, preparadas especialmente para as festividades, como a Festa da Batata (Panti), a Festa do Milho (pônhê), a Festa Wythô, a Empenação das Crianças e a Feira das Sementes.

Krahô-Kanela

Este povo alega descendência de duas etnias distintas, Krahô e Kanela, ambos povos Timbira, originários do Maranhão, região de Bons Pastos. O grupo migrou para as terras de Mata Alagada, em Lagoa da Confusão, entre os rios Formoso e Javaé. Após um período vivendo na Ilha do Bananal ou espalhados por vários municípios, os Krahô-Kanela conseguiram a regularização da Terra Indígena em Lagoa da Confusão, no ano 2000 e reconhecimento de etnia, o que garantiu acesso as ações de assistência. Hoje buscam a retomada de conhecimentos tradicionais e de sua base cultural, incluindo a revitalização da língua materna. O último censo aponta 39 indígenas desta etnia, mas registros citam existência de quase 100 pessoas.

Avá-Canoeiro

Eles se autodenominam ãwa (significa gente, pessoa, ser humano). Na região do Araguaia são mais conhecidos como Cara Preta. Um censo (2012) aponta uma família em Goiás, pequenos grupos dispersos em aldeias Javaé (Canoanã e Boto Velho) e Karajá (Santa Isabel), uma família em Palmas e um grupo isolado dentro do Parque Nacional do Araguaia (Ilha do Bananal). O primeiro registro desse povo envolve uma expedição percorrida entre Belém (PA) e a capital de Goiás pelo Rio Araguaia (1791-1793). Anos mais tarde, um grupo Cara Preta passou a disputar o território da Ilha do Bananal, de ocupação tradicional dos Karajá e Javaé. Os Avá-Canoeiro do Araguaia têm meta de se reunir em uma futura aldeia na Terra Indígena Taego ãwa, região da Mata Azul de Formoso do Araguaia, em processo de demarcação.

Pankararu

Os Pankararu presentes no Tocantins estão em Figueirópolis, no assentamento Vale Verde; e em Gurupi. São indígenas oriundos da aldeia Brejo dos Padres, sertão de Pernambuco, de onde há cerca de 40 anos migraram para o antigo norte goiano. A Terra Indígena Pankararu, entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu (PE), próximo ao rio São Francisco, foi homologada somente em 1987. Os Pankararu do Tocantins não quiseram retornar e foram reconhecidos como povo tocantinense pela Fundação Nacional do Índio (Funai), mesmo buscando manter seus costumes e tradições, como forma de preservar sua identidade cultural.

(Com informações de Seleucia Fontes/Secom-TO).